

O ser da linguagem em Foucault e as práticas discursivas de adolescentes¹

José Isafas Venera

De fato, o que se está descobrindo hoje, por muitos caminhos diferentes, além do mais quase todos empíricos, é que a linguagem é espaço. Tinha-se esquecido isso simplesmente porque a linguagem funciona no tempo, é a cadeia falada que funciona para dizer o tempo.

M. Foucault, 2000.

A linguagem enquanto
espaço de significação

Em **Linguagem e Literatura**, Michael Foucault explora o “ser” da linguagem enquanto “espaço”. Caminho que permite ao autor desenvolver o que ele chama de “heterotopias”, lugares que são localizáveis, mas contestáveis do lugar de onde vivemos. Para Foucault (2000, p. 168), havia-se esquecido que o “ser” da linguagem é “espaço”, “simplesmente porque a linguagem funciona no tempo, é a cadeia falada que funciona para dizer o tempo. Mas a função da linguagem não é o seu ser: se sua função é tempo, seu ser é espaço”.



Com esta distinção entre “ser” e “função”, Foucault aborda uma dimensão que, muitas vezes, é entendida como irreal: os sonhos, as fantasias, os personagens. No entanto, são mundos possíveis, no sentido de que há um espaço e é o da linguagem, no qual suas existências ganham formas.

A linguagem surge para Foucault, como observou Eliane Robert Moraes (CULT, 2004), “no empenho de confirmá-la como um sistema de signos que obedece a exigências sincrônicas, simultâneas, arquitetônicas e, por conseguinte, espaciais”. É nesse sentido que, para o autor, “cada vez que alguém toma da caneta para escrever algo, trata-se de literatura na medida em que a coerção do código é suspensa no próprio ato de escrever a palavra, o que faz com que, em última análise, essa palavra pudessem muito bem não obedecer ao código da língua” (FOUCAULT, 2000, p. 158).

A linguagem aparece como constituidora de espaços de significação que tem, como função, produzir efeito de existência num tempo de duração. Talvez este seja o motivo pelo qual o conceito de discurso tenha sido um dos caminhos para Foucault estabelecer uma arqueologia e genealogia do sujeito. Mas, se a literatura vem exemplificar os lugares sem lugar no espaço vivido, significa que o autor adverte, em certa medida, para a impossibilidade da própria objetividade sobre a descrição dos lugares vividos, já que a descrição é uma linguagem. “Se as frases têm sentido, é que cada fenômeno de fala se aloja em um horizonte virtual, mas absolutamente coercivo, da língua” (FOUCAULT, 2000, p. 158).

Uma existência só tem sentido em relação a uma linguagem. Isto, porque não é um objeto que apresenta o sentido sobre si mesmo, mas uma linguagem em funcionamento que faz existir um sentido sobre o objeto, que passa a ser um existente. É a própria linguagem que faz existir um fenômeno, sem o qual não existiria. Foucault - assim como Nietzsche e Wittgenstein - faz uma desconstrução de qualquer relação direta entre palavras e coisas.

Na advertência de que o mundo se faz na linguagem – inventa o “espaço” de significação do mundo –, Foucault insere a noção de discurso, mostrando como o sujeito movimenta a linguagem e como a linguagem movimenta o sujeito, abrindo espaço de relações de saber, poder e subjetivação.



Em **A arqueologia do saber**, Foucault (1997, p. 56) diz que os discursos “formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato de fala”. É este a “mais” do discurso, sinalizado por Foucault, que conduz as pretensões desta reflexão, mediante práticas discursivas de adolescentes sobre o consumo de programas televisivos, mais especificamente, os telejornais.

*Uma questão de linguagem:
Como os adolescentes percebem
os telejornais?*

Um instrumento de pesquisa, com 40 questões sobre o consumo cultural de adolescentes - aplicado em 2002, em 1624 alunos da Rede Municipal de Ensino de Gaspar/SC -, permitiu diagnosticar, entre outros, qual o gênero de programa televisivo que os adolescentes menos gostam de assistir. Os telejornais aparecem em primeiro. Na devolutiva aos mesmos adolescentes, em 2003, interrogamos a respeito deste resultado. Na fala da maior parte dos adolescentes, o motivo era atribuído ao excesso de violência exibida.

Nas práticas discursivas, às vezes desencontradas, adolescentes² reforçam o lugar dos telejornais como sendo o de autoridade para expressar a realidade, mas, ao mesmo tempo, mostram resistência em assisti-los. Ora colocam os telejornais como lugar de cópia da realidade ora manifestam resistência por indicarem que há excesso de violência.

Há diversas expressões destes alunos classificando os telejornais enquanto programas educativos, porque falam da realidade ou, ainda, “porque é real o que aparece nos jornais”. No periódico elaborado junto aos estudantes da rede municipal de Gaspar, **Jornal Fala Sério!**, de agosto de 2004, aparecem em diversos momentos discursos desta natureza, reforçando o papel educativo dos telejornais, sem deixar, também, de falar da violência exibida.



Os discursos dos adolescentes dão visibilidade a dois enunciados: violência e educação. São enunciados no momento em que constituem um discurso específico. Eles se afastam do sentido cotidiano e se alojam a um sentido controlado, remetendo-o a uma ordem de discurso e a uma rede discursiva.

O primeiro indicador é o reconhecimento do gênero discursivo que constitui os telejornais. Os telejornais são aceitos enquanto dispositivos legitimados para apresentar a “verdade” e a realidade. O segundo indicador que se apresenta, enquanto justificativa, para não assistir a um programa aceito como educativo é o de excesso de exibição de notícias sobre violência. Essa enunciação constitui um exercício de poder de quem fala e a operacionalização de uma rede discursiva, já que se vê, presente, também nos discursos dos professores, a exaltação da violência nos programas de televisão e, em específico, nos telejornais. É na prática discursiva que o sujeito se localiza, demarca sua posição.

*Outra questão de linguagem:
Como se dá o controle e a disciplina?*

Na impossibilidade de uma linguagem constituir o próprio “ser” do que ela se refere (ela se diferencia do referente) - configurando-se enquanto “espaço” aberto que tem, como função, recriar o referente -, há sempre, nesse processo, controle por parte de quem produz a mensagem. Controle que se desdobra em disciplina. Controle do significado e controle disciplinar da percepção do sujeito a quem a mensagem é endereçada. Uma mensagem que se objetiva a recriar um acontecimento acaba por criar o acontecimento. Isto, porque o receptor, em um suposto acontecimento exibido na mídia, não se encontra diante do acontecimento, mas de uma linguagem que acaba por criar atributos ao próprio acontecimento através de técnicas de captação, edição, seleção das fontes, narração etc.

O “controle” se dá por meio de realidades que são apresentadas. Assim, o mundo é visto a partir de dispositivos e a mídia, enquanto suporte jornalístico, passa a ser uma maquinaria que apresenta realidades que se estruturam nos métodos de investigação,



de descrição e de apresentação imagética que constituem o próprio campo do jornalismo. A realidade midiática se configura, desta forma, como um espaço que se abre, significando o que se vê, ouve e lê ou controlando o que se deve ver, deve ouvir e deve ler.

O controle pressupõe a disciplina. Para Foucault (1999, p. 148), as disciplinas “[...] quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença”. Ao mesmo tempo em que a mídia segue a lógica do controle, mostrando, exibindo, dando visibilidade, por exemplo, a temas como a violência, ela não só controla o que o receptor deve consumir, mas, ao controlar, disciplina o receptor pela forma como expõe o fato, pelo sentido construído daquilo que a própria mídia selecionou como importante a ser noticiado.

Uma questão de discurso:
Como aparecem traços de subjetivação
na prática discursiva?

Os telejornais são detestados pelos adolescentes. São vistos como programas chatos. Sem atrativos. Desinteressantes. A justificativa pela rejeição em assistir aos telejornais é o excesso de violência.

Entretanto, o seriado **Malhação** (Globo), as telenovelas e os filmes de ação/violência estão entre os programas mais cultuados pelos adolescentes. Parece que, na devolutiva aos alunos, interrogar sobre esta possível contradição entre a justificativa dos alunos de não gostarem dos telejornais e, ao mesmo tempo, desejarem intensamente assistir filmes de violência seria inevitável. A questão foi levantada e a resposta foi rápida. Quase unânime. Objetiva. “Os telejornais falam do real, e os filmes são ficções”.

A resposta dos adolescentes, num primeiro momento, parece óbvia. Mas é capturando este espaço discursivo que circula sobre o óbvio que faz emergir o problema desta análise. Parece que o mundo das coisas e das palavras se sustenta de forma natural ao vê-los com objetividade. As palavras empregadas com objetividade dão a impressão de que fazem parte da natureza do mundo,



tal qual observou Foucault ao falar do período da similitude (2000), um período que precede as palavras como representação de algo que está ausente e muito menos das palavras que apresentam algo que não existe, mas que faz existir. Este “ver classificando” facilmente a distinção das narrativas (ficção e real) naturaliza sujeito e mundo, identidade e representação, palavras e coisas.

O problema, então, se configura nos traços de subjetivação, os quais vão sendo identificados no momento em que há, de fato, a aceitação dos gêneros narrativos e na forma como eles se apresentam. Se a aceitação destes gêneros se configura como um problema, um outro problema se apresenta e diz respeito à impossibilidade do real e, ao mesmo tempo, da ficção. Ou melhor, a narrativa realista e a ficcional constituem espaços discursivos diferentes, por meio dos quais algumas coisas podem ser ditas enquanto que outras, não. No entanto, os dois campos se apresentam como espaços discursivos, sem os quais o sentido de classificação não existiria.

Ao mesmo tempo em que as falas dos adolescentes indicam a assimilação do gênero narrativo dos telejornais, indicam, também, pelo contexto em que se deu a enunciação, o exercício de poder dos adolescentes. A rejeição aos telejornais se configura enquanto exercício de poder. Os discursos dos adolescentes conduzem - mesmo que se possa conectá-los a uma rede discursiva constituindo um “já dito” (os professores e mesmo em diferentes mídias, quando há discursos sobre os programas de televisão e também dos jornais e telejornais, ressaltam o excesso de violência) - a um exercício de poder do lugar de onde eles estão falando, do espaço que se abriu para eles e, sobretudo, porque o centro daquela prática discursiva era a fala dos adolescentes. O que caracteriza o exercício de poder é justamente a singularidade deste discurso “já dito”. Certamente, apresentar como justificativa para não assistir aos telejornais o excesso de violência se configura um argumento aceitável.

Ao relacionar a razão pela qual eles dizem que não gostam dos telejornais e, ao mesmo tempo, gostam de programas de entretenimentos classificados como violentos, seus discursos ilustram uma relação de poder que eles exerceram no momento em que as palavras se fazem expressão deles, singularidade do grupo.



Outra questão de discurso: Como se dá o assujeitamento às linguagens?

Os espaços discursivos aparecem como campos de forças, de poderes, nos quais uma determinada realidade surge ou, ainda, uma verdade sobre uma dada realidade. O que podemos dizer, então, das classificações dos adolescentes sobre os telejornais e os filmes?! O que aparece e diz respeito à nossa contemporaneidade, marcada por uma cultura audiovisual, é a demarcação de novos assujeitamentos por meio destes dispositivos. Dispositivos que constituem linguagens, que fundam espaços e que têm como função manter nossa percepção numa “duração”, que demarca o próprio tempo, a função da linguagem.

A legitimação desses gêneros discursivos estabelece linhas de enunciação portadoras de verdades. Assim, um telejornal enuncia a verdade dos fatos e, no entanto, o discurso jornalístico não pode ser questionado enquanto verdade, porque há outros gêneros discursivos que se encarregam, por exemplo, da ficção. O assujeitamento aos discursos que classificam os gêneros narrativos é o movimento por meio do qual a disciplina opera, mesmo quando não há lei para julgar determinadas práticas. De um lado, os alunos renegam os telejornais expressando que os assistem pouco e, ao fazerem isto, exercem certo poder. De outro, eles classificam esses programas na condição de educativos.

No primeiro semestre de 2004, os alunos das escolas municipais, de 5ª a 8ª série, tiveram como pauta para o **Jornal Fala Sério!** o tema “televisão”. Em vários depoimentos, colhidos em forma de redação, os alunos falam dos telejornais como programas educativos, programas que mostram a realidade, mas, muitas vezes, uma realidade violenta. Jéssica, da 7ª série da Escola Dolores Krauss, reclama que a TV destaca reportagens sobre violência. No jornal dos estudantes aparecem, também, falas relacionadas às telenovelas, as quais rompem com o gênero ficcional. Daiana, Ana e Tassiara, da 6ª série da Escola Norma Mônica Sabel, fazendo referência à novela **Mulheres Apaixonadas**, dizem que a novela “retrata a realidade do Brasil e do mundo”.



Se as telenovelas retratam a realidade brasileira, como indicam as alunas, justifica a visibilidade que a mídia vem dando aos enredos das novelas. A **Revista Veja**, em julho de 2003, dedica uma matéria para mostrar as cenas de violências e os índices de audiência. Os momentos de maior recepção são justamente as tramas de crueldade. Como exemplo, a revista mostrou várias cenas e, entre elas, quando a personagem Heloísa ataca Sérgio com uma faca, chegando a 58 pontos; ou quando Dóris leva uma surra dos pais, chegando a 53 pontos.

Eles evitam assistir aos telejornais e, ao mesmo tempo, classificam estes programas como educativos, o que constitui mais um problema de análise. Não é difícil perceber que a linguagem e a estética que configuram os telejornais são voltadas para outras faixas etárias. Contudo, o ponto de interesse é o movimento disciplinar das linguagens na constituição de sujeitos. Os telejornais são, muitas vezes, criticados pelos adolescentes pelo excesso de violência, mas em momento algum aquela realidade é questionada a partir de uma realidade vivida (a violência em uma pequena cidade como Gaspar, certamente, difere em muito da realidade enquadrada em telejornais como **Cidade Alerta**).

A ficção e a realidade ocupam espaços bem diferentes no imaginário, mesmo sendo espaços que encontram um lugar comum e existem em um sistema de linguagem.

Uma questão teórica: Como a escola se constitui enquanto maquinaria através de seus dispositivos de subjetivação?

Os dispositivos são analisados nesta reflexão como lugares que arquitetam, classificam, organizam e estruturam uma dada realidade por meio de forma e conteúdo. Deleuze dedica um artigo sobre o conceito de “dispositivo” em Foucault que nos ajuda a entender os lugares nos quais a linguagem exerce sua função. Em **O que é um dispositivo?** (DELEUZE, 1996), o autor destaca quatro funções dos dispositivos que Foucault explora: visibilidade, enunciação, poder e subjetivação.



Os dispositivos são como máquinas, ou melhor, como ferramentas de uma maquinaria. Foucault, em **Vigiar e Punir** (1989), aborda, entre outras maquinarias, a escola. Já os componentes que regulam o funcionamento das escolas são analisados, pelo autor, enquanto dispositivos. Assim, temos o dispositivo “tempo”, o dispositivo “prova” e o dispositivo “disciplina corpo”. São dispositivos que constituem as engrenagens da maquinaria escolar. Esses dispositivos são vistos, em Foucault, também como “formações não discursivas”, mas que formam as condições que permitem que a “luz” caia sobre um objeto e o torne visível.

Poderíamos perguntar: “Que luz é essa?” A luz que se abre pela linguagem. A luz que é justamente o espaço criado pela linguagem. Luz que é o sentido. É o sentido que funda o objeto. Com relação à escola, a propagação da luz se dá pela educação para se fundar como objeto, ou seja, o sujeito que se pretende construir. E sua função aparece no currículo escolar (outro dispositivo da maquinaria escolar), lugar discursivo que expõe o perfil do aluno que deve iniciar os estudos, de como ele aprende, do que ele aprende e de como ele deve sair.

“Cada dispositivo tem seu regime de luz”, explica Deleuze (1996, 85), que é a “maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível, fazendo com que nasça ou desapareça o objecto que sem ela não existe”.

Não é apenas a pintura, mas arquitectura também: o **dispositivo prisão** como máquina óptica para ver sem ser visto. Se há uma historicidade dos dispositivos, ela é a dos regimes de luz – mas é também a dos regimes de enunciação. Porque os enunciados, por sua vez, remetem para linhas de enunciação sobre as quais se distribuem as posições diferenciais dos seus elementos (DELEUZE, 1996, p. 85).

Os regimes de enunciação não se referem a sujeitos, mas ao que é possível dizer em determinada posição. Com relação ao campo da educação, o que é possível ser dito em uma disciplina escolar e na disciplina escolar?

Em relação aos telejornais, eles são entendidos enquanto dispositivos da maquinaria que se refere aos próprios veículos de



comunicação com suas estruturas de produção. O objeto desta maquinaria: a informação precisa.

Para além dos regimes de “luz” e de “enunciação”, Deleuze, fazendo releitura de Foucault, adverte para a terceira função dos dispositivos: o “poder”. Para ele, o poder se refere às linhas de forças decorrentes das duas funções apresentadas inicialmente: as funções de visibilidade e de enunciação que inventam o “saber”. Assim, uma das faces do poder é tentar manter e fixar um saber. Por outro lado, o poder, em Foucault, é relação de força, levando-o a trabalhar o poder como um exercício. Se, na análise em questão, temos, de um lado, a própria instituição jornalística exercendo um poder dominante que se afirma na sua prática discursiva - aglutinando saberes legitimados, que são as fontes autorizadas -, de outro lado, temos a fala descontínua dos adolescentes - de rejeição aos telejornais - que se configura em um exercício de poder no momento de enunciação.

A relação de poder difuso é, muitas vezes, expressa no momento da enunciação. As práticas discursivas dos adolescentes demonstram a posição em que eles se encontram, do que é possível dizer em determinada posição em determinado contexto. O discurso sobre o excesso de violência nos telejornais pode ser entendido enquanto um “já dito”, sendo que é possível mapear uma rede discursiva afirmando, desde muito tempo, este dado. No entanto, a enunciação diz respeito a uma singularização no ato discursivo. A fala dos adolescentes não se reproduz plenamente ao “já dito”, deixando a entender, por exemplo, que os telejornais estão distantes dos seus desejos e interesses. Ao mesmo tempo em que eles se apropriam de um discurso “já dito”, deixam também visível uma relação singular, de forças, de poder.

A última função de um dispositivo é o de “subjetivação”. É a linha que cria um rastro de fuga, uma invenção, uma singularização. É a dimensão do “si própria” de Foucault. A subjetivação diz respeito à produção de subjetividade. Ao tornar-se. A um devir que se atualiza. Deleuze(1996, p. 87) interpreta o “si próprio” como não sendo nem um saber e nem um poder. “É um processo de individuação que diz respeito a



grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos: uma espécie de mais-valia”.

No entanto, o processo de subjetivação somente pode ser traçado mediante relações de forças e de poder. É neste ponto que as duas primeiras funções de um dispositivo se apresentam como caminho no qual se cria condições de produção de subjetividades. Fazer ver é apresentar, discorrer, propagar uma luz e atribuir um sentido. Os telejornais mostram cenas de violência em excesso, indicam os adolescentes. No entanto, eles “falam da realidade, são programas educativos”, completam os alunos. São falas (discursos), às vezes, descontínuas, mas que indicam tensões. Talvez a subjetivação, como linha de fuga enunciada por Deleuze, se apresente na forma singular com que os dispositivos de visibilidade, enunciação e poder são exercidos, sempre produzindo certa diferença do que é proposto pelo discurso dominante. O sujeito, neste sentido, passa a ser visto como vetor, nó, ponto, local de passagem pelo qual um sentido vindo, muitas vezes, de um “espaço” dominante (linguagem dominante), muda de curso.

*Outra questão teórica para finalizar
em um final aberto: Como a linha de força
dominante é desviada?*

Entendendo a linguagem enquanto espaço que permite a existência de realidades; a proposta foi de concentrar forças no detalhe de que só podemos perceber as nossas próprias identificações e, ao mesmo tempo, fazer parte de um sistema de comunicação que nos torne participantes de outras realidades no momento em que nos confrontamos com a linguagem, no momento em que estamos diante dela e que nos inserimos nela. Acentuou-se, também, o fato de que estamos, cada vez mais, diante de dispositivos que proliferam em novas formas de linguagens. Os programas de televisão, enquanto dispositivos audiovisuais, no Brasil, não têm muito mais de meio século. Contudo, essa técnica contemporânea faz, cada vez mais, parte de nosso cotidiano. Com relação aos adolescentes que freqüentam a Rede Municipal de Ensino de Gaspar, a pesquisa realizada em 2002 e 2003 indicou que eles



assistem à TV de 5 à 7 horas por dia. Indicador importante que reafirma as preocupações de Rosa Maria Bueno Fischer (2001) ao perceber uma forma de currículo nos programas de televisão. Há, segundo ela, uma estrutura, há uma narrativa, há um endereçamento que produz processos de subjetivação.

Um dos endereçamentos de subjetivação é a própria legitimação dos gêneros de programas televisivos, mas essa linha de força dominante é, muitas vezes, colocada em xeque, como no caso de os adolescentes não gostarem de assistir aos telejornais. É por esse agenciamento que se singulariza a forma como lidamos com a vida, que a torna inapreensível, que a torna sempre um campo aberto à análise.

Notas

1. Este estudo é resultado de parte do projeto de pesquisa intitulado "Os limites entre ficção e realidade na comunicação de massa", aprovado pela Univali através do Artigo 170. A pesquisa contou com a participação de Giovanni Ramos na clipagem de três telejornais para verificar, durante uma semana, a ocorrência de matérias e notas sobre violência. No entanto, neste ensaio, não foram utilizados dados coletados da pesquisa aprovada no Artigo 170, ficando restrito a dados de uma outra pesquisa desenvolvida no município de Gaspar.
2. Em 2002, o historiador José Roberto Severino, em um projeto de pesquisa junto a Secretaria da Educação de Gaspar, elaborou um instrumento de pesquisa e o aplicou aos alunos de 5^a a 8^a séries com a intenção de conhecer o cotidiano, o consumo cultural e as condições sócio-econômicas desses adolescentes. Em 2003, me inseri no projeto com o professor Severino quando realizamos, sistematicamente, as devolutivas do questionário aplicado aos alunos, pais e professores. Neste mesmo ano, iniciamos o projeto **Fala Sério!** que surgiu da demanda do trabalho que vinha sendo realizado. Entre as atividades deste novo projeto, foram realizadas, em 2003 e 2004, oficinas com alunos, pais e professores, além de um jornal para e dos alunos, o **Jornal Fala Sério!**



- DELEUZE, G. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Veja, 1996.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. Linguagem e literatura. In: MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. **A arqueologia do saber**. 5 ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1997.
- MORAES, E. R. A palavra insensata. **Revista Cult**, São Paulo: Bregantini, n. 81, ano 6, p. 49-52, 2004.

